

## **Cruzados E *Proxies*: A Visão Do Estado Islâmico Sobre A Guerra De Procuração**

Jacqueline da Silva Bacellar<sup>1</sup>  
Jessika Cardoso de Medeiros<sup>2</sup>

107

### **INTRODUÇÃO**

A guerra existe enquanto mecanismo último para compelir o outro a fazer sua vontade (CLAUSEWITZ, 1984). E, conforme Angell (2002) notou, esse movimento empreende altos custos. Para dirimi-los, os Estados investem em tecnologias e produção de conhecimento; outro mecanismo empregado é a guerra de procuração.

A guerra de procuração não pretende eliminar os custos do conflito, mas transferi-los. Isso ocorre porque um Estado que possui interesses em determinada região, mas não deseja engajar em batalha, se associa a um grupo ou organização com interesses em comum. Estes estarão diretamente envolvidos no conflito, com o suporte do primeiro Estado.

Essa estratégia foi adotada ao longo do tempo por diversos grupos, nações e Estados. Este artigo objetiva analisar a guerra de procuração sob a ótica de uma organização que aspirava ao *status* estatal, autoentitulando-se Estado Islâmico (EI). Para isso, este trabalho foi dividido em quatro seções. Na primeira parte, será definido o conceito de guerra de procuração a ser utilizado ao longo do artigo. Será abordado o que são *Proxies* e qual sua relação com o Patrocinador, além de uma breve análise acerca da justificativa para o emprego da guerra de procuração e de como está relacionado ao terrorismo nos conflitos contemporâneos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Marítimos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (PPGEM/EGN, Rio de Janeiro, Brasil, [jacqueline.bacellar@gmail.com](mailto:jacqueline.bacellar@gmail.com), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2134498884891324> )

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF, Rio de Janeiro, Brasil, [jessikac.medeiros@gmail.com](mailto:jessikac.medeiros@gmail.com), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8484172892050563> )

A segunda seção introduz o contexto histórico do Estado Islâmico. Observa-se brevemente de que forma o grupo foi constituído e qual seu objetivo principal: a expansão do autoentitulado Estado Islâmico e a instauração do Califado nas regiões sob seu domínio. Já a terceira seção analisa um dos veículos de comunicação utilizado pelo grupo para propagar suas ideias: a *Dabiq Magazine*.

Por fim, são analisadas as edições da revista que tratam especificamente da guerra de procuração. Nelas, observa-se quais atores o grupo identifica como *Proxies* associados aos Cruzados (termo geralmente utilizado para se referir aos ocidentais). É possível identificar também o posicionamento do grupo a respeito da associação entre esses dois atores. Com isso, segue-se às considerações finais.

## 1. O QUE É GUERRA DE PROCURAÇÃO

Berman et al (2019) sugerem que, diante de alguma ameaça, inicialmente o Estado teria duas opções: engajar ou não em batalha. Entretanto, na medida em que os Estados desejam proteger seus interesses em território alheio<sup>i</sup>, os autores destacam que há ainda uma terceira alternativa: o engajamento indireto – ou a guerra por procuração. Com isso, “o Principal [ou Patrocinador] promete recompensas e punições ao *Proxy*, o qual é compelido a agir para suprimir os distúrbios” (BERMAN et al, 2019, p. 03, tradução nossa<sup>ii</sup>).

Assim, observa-se a dinâmica entre dois atores-chave. O Principal é aquele que tem algum interesse em um conflito externo, porém, não deseja envolver-se diretamente. Dessa forma, o Patrocinador incentiva um terceiro (*Proxy*) a agir segundo seus interesses – o que caracteriza a guerra de procuração. Esse incentivo pode ser de caráter econômico, financeiro, militar, social, dentre outros. Ambos os atores – Principal e *Proxy* – podem ou não ser agentes estatais (BERMAN, 2019).

Innes e Banks (2012) apontam as características das relações históricas entre Estados patrocinadores e *Proxies* em três fases. A primeira, durante a Guerra Fria, aborda *Proxies* como “nada mais que ferramentas terceirizadas pelo aparelho estatal, sem qualquer agência, intento ou, ainda, interesses visivelmente separáveis dos de um Estado patrocinador abastado” (INNES; BANKS, 2012, p. xiii, tradução nossa<sup>iii</sup>).

A segunda fase tem início na década de 1990, quando o fim da Guerra Fria reduziu drasticamente o financiamento de organizações que, por diversas vezes, foram utilizadas

como *Proxies* durante a Guerra Fria (INNES; BANKS, 2012). Consequentemente, elas passaram “a buscar atividades criminosas para sobreviver, precipitando o crescimento de militantes, mercenários e senhores da guerra perigosamente independentes e com muitos recursos” (INNES, BANKS, 2012, p. xiii, tradução nossa<sup>iv</sup>).

No contexto das Nações Unidas, a Assembleia Geral em outubro de 1970, aprovou a Resolução 2625 (XXV). Nela temos, claramente o direcionamento de que “Todo o Estado tem o dever de se abster de organizar ou encorajar a organização de forças irregulares ou bandos armados, incluindo mercenários, para incursão em território de outro Estado”<sup>v</sup>. Aqui, analogamente podemos entender pelo conceito de guerra de procuração e o recharçamento desta prática (UNITED NATIONS, 1970, p. 123).

Por fim, a terceira fase tem início em setembro de 2001. A partir de então, é possível observar que a guerra moderna se torna ainda mais complexa, tendo em vista a diversidade de interesses e características dos atores envolvidos em guerras de procuração (INNES, BANKS, 2012). Nesse sentido, a guerra não se torna mais complexa apenas pelo recrudescimento da tecnologia e do preparo das forças – sejam estatais ou não; também deve se considerar a multiplicidade de distúrbios<sup>vi</sup> e atores envolvidos nesses conflitos.

Berman et al. (2019) apontam que um Patrocinador pode optar pelo uso de *Proxies* para exercer controle indireto sobre diferentes ameaças, como terrorismo, insurgência ou tráfico de drogas, por exemplo. Além disso, a guerra de procuração também pode assumir outra forma: o terrorismo por procuração<sup>vii</sup>. Para McAllister e Schmid (2011, p. 210), “o terrorismo por procuração tem sido utilizado por diversos Estados por uma variedade de razões – a mais básica sendo ‘o inimigo do meu inimigo é meu amigo’” (tradução nossa<sup>viii</sup>). Neste artigo, contudo, o enfoque será dado à utilização de *Proxies* por potências ocidentais no combate às ações do Estado Islâmico.

## 1.1 TERRORISMO E GUERRA DE PROCURAÇÃO

Marsden e Schmid (2011) apontam que a guerra de procuração tornou-se uma alternativa viável ao conflito convencional. Consequentemente, observou-se maior emprego de tal recurso nos últimos anos (McALLISTER; SCHMID, 2011). E, conforme enunciado observado anteriormente, o emprego de *Proxies* também pode estar relacionado à ocorrência de ações terroristas.

O contraterrorismo realizado a partir do emprego de *Proxies* visa controle indireto da situação, ao menor custo possível (BERMAN et al., 2019). No que tange a esse tipo de operação, destacam-se as ações dos EUA na guerra do Iraque. O prolongamento da Guerra no Iraque foi resultado da divergência entre Patrocinador (Estados Unidos) e *Proxy* (Governo Provisório do Iraque), conforme resumido por Berman et al. (2019):

Após invadir o Iraque e remover Saddam Hussein do poder em 2003, os Estados Unidos correram para construir um novo governo em Bagdá que poderia, como desejava a administração, ser um aliado na guerra global ao terror. Na medida em que a guerra civil subsequente saiu do controle, e os combatentes islâmicos surgiram no país para derrotar os “infiéis” americanos e estabelecer uma base de operações para o *jihad* global, os Estados Unidos buscaram aprimorar um exército iraquiano que permitisse que suas próprias forças fossem retiradas. [...] Apesar de bilhões de dólares em ajuda e treinamento extensivo das forças iraquianas, o ainda Estado fraco sucumbiu quando o ISIS invadiu o Iraque ocidental no verão de 2014 (BERMAN et al, 2019, pp. 01-02, tradução nossa<sup>ix</sup>).

Bandeira (2016) aponta que a participação indireta dos EUA nos conflitos no Iraque estendeu-se de outras formas. Destaca-se o treinamento militar oferecido por agentes da CIA e Companhias de Segurança Privada até 2013. O autor observa que, dentre os que receberam instrução, figuram muitos que posteriormente se associaram à *jihad* do Estado Islâmico. Além disso, será possível analisar na quarta seção o emprego de *Proxies* pelos EUA e seus aliados contra o referido ator.

Katz (2019) analisa essa relação entre *Proxies*, os Estados Unidos e Estados aliados. O autor aponta prós e contras de tais parcerias, tanto em termos de motivação quanto em capacidade (tabela 01).

**Tabela 01: Prós e Contras na parceria dos EUA com seus *proxies***

	<b>Prós</b>	<b>Contras</b>
<b>Motivação</b>	Disposição para lutar contra as ameaças locais, pois as forças nacionais usualmente não são capazes de fazer frente ao inimigo	<i>Proxies</i> podem não ter apenas o inimigo que seu patrocinador deseja combater. Eles podem ainda utilizar os recursos de seus patrocinadores para se promover na região.

<b>Capacidade</b>	<i>Proxies</i> são forças prontas para combate e com amplo conhecimento da região	Pode lhes faltar legitimidade para manter determinada ocupação, sobretudo se forem milícias étnicas ou sectárias.
-------------------	---	---

Fonte: KATZ, 2019, pp. 03-07, adaptado.

Assim, vale ressaltar que uma das razões para o emprego dos *Proxies* reside na redução do custo político para quem o contrata. Isso ocorre porque o Principal tem apenas uma participação indireta – através do financiamento e envio de recursos para seus *Proxies*. Consequentemente, não sofrem baixas de seus soldados ou desgaste da imagem do governo perante seus cidadãos (MARSDEN; SCHMID, 2011).

Outro argumento utilizado é o custo financeiro da guerra. A mobilização necessária para engajar em um conflito é bastante custosa e pode se prolongar por tempo indeterminado. Assim, o financiamento de grupos locais que, muitas vezes, já contam com certo preparo e conhecimento da região reduz o custo de operações (KATZ, 2019).

Apesar da disposição para a luta e do preparo preexistente desses *Proxies*, a falta de legitimidade no território e a complexidade dos interesses envolvidos no conflito desequilibram com frequência a balança de poder local. A instabilidade gerada pela presença de tais atores pode, em certa medida, contribuir para o discurso de grupos radicais que utilizam o terrorismo como meio para conseguir seus objetivos (SCHMID, 2011).

Além disso, a falta de convergência entre Patrocinador e *Proxy* – sobretudo no que tange aos incentivos necessários ao cumprimento do acordo<sup>x</sup> – pode acarretar em um distanciamento entre as partes e, em consequência, na falha ao suprimir os distúrbios geradores de conflito (BERMAN et al, 2019, p. 04, tradução nossa<sup>xi</sup>).

Tendo em mente tais considerações, serão analisadas as ações de contraterrorismo entre 2014 e 2016, impetradas contra o Estado Islâmico. Nas próximas seções, será discutido quem – na visão do grupo – é o Principal (ou Patrocinador) e quais são seus *Proxies*.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTADO ISLÂMICO

A partir de 2014, com a declaração do Califado<sup>xii</sup>, o grupo autointitulado Estado Islâmico tornou suas atividades midiáticas mais ostensivas. Isto porque foram criados

diversos meios em que suas mensagens eram difundidas tanto para dentro dos territórios dominados, quanto para o mundo. E dentro destes estava a revista *Dabiq Magazine*.

Embora o ano de 2014 seja um marco histórico para o grupo, sua origem nos remete ao início dos anos 2000. Uma maneira de apresentar a história da organização é através dos nomes que teve ao longo dos anos, pois esses andam em consonância com o momento da história, no qual o grupo se encontrava. O ponto de partida para a formação do grupo é com o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, que se tornou um líder e conquistou seguidores, durante os cinco anos (1994-1999) que passou preso na Jordânia, depois de lutar com os *mujahedi*<sup>xxiii</sup> contra o Exército Vermelho soviético (BUNZEL, 2015; NAPOLEONI, 2015).

Após sair da prisão, Zarqawi teve o primeiro contato com o líder da *Al-Qaeda*<sup>xiv</sup>, Osama Bin Laden em 2000, no entanto, ele se recusa a fazer parte da organização. Em 2001, com a invasão norte-americana ao Afeganistão, Zarqawi sai dos territórios invadidos e se muda para o Iraque, onde em 2002 passa a combater as forças de coalizão na Guerra do Iraque, e forma o grupo *Jama'at al-Tawhid wa'al-Jihad* (Organização do Monoteísmo (ou Unidade) e Jihad). Somente no ano de 2004 que Zarqawi se junta à *Al-Qaeda*, atraindo tanto combatentes quanto recursos financeiros, e isso leva a alteração do nome do grupo para *Al-Qaeda* no Iraque (AQI) (BUNZEL, 2015; NAPOLEONI, 2015).

Com a formação da AQI, em conjunto com a central *Al-Qaeda* e pequenos outros grupos jihadistas da região do Iraque, formou-se em 2006 o *Mujahidin Shura Council*. A formação desse conselho, para Zarqawi, foi o passo inicial para o desejo futuro de um califado. Tanto que em abril de 2006, o líder faz sua primeira aparição em um vídeo que aclamava a consolidação do conselho como o início da formação de um Estado Islâmico. Entretanto, em junho de 2006, Zarqawi foi morto em um ataque aéreo efetuado pelos Estados Unidos (BUNZEL, 2015).

Com o sucessor, Abu Umar al-Baghdadi, escolhido pelo *Mujahidin Shura Council*, ocorre uma renomeação do grupo para *Islamic State of Iraq* (ISI, ou em tradução livre é Estado Islâmico do Iraque, EII). Nesse momento, já temos a denominação de um Estado, ou melhor, Califado, no qual Baghdadi já aguardava a concretização/proclamação de fato. Essas movimentações dentro do grupo fizeram com que as relações com a *Al-Qaeda* fossem abaladas, uma vez que não houve concordância com a renomeação do

grupo. Assim, em comum acordo, em 2007, é declarada a extinção da *Al-Qaeda* no Iraque (BUNZEL, 2015).

Até 2011, o EII manteve o patamar conquistado e não executou avanços significativos. Um acontecimento que movimentou as estruturas do grupo foi a morte de seu líder em 2010, quando, mais uma vez o *Mujahidin Shura Council* toma para si a responsabilidade de escolha do novo líder. Nesse momento, Abu Bakr al-Baghdadi foi o escolhido, mas seu primeiro pronunciamento oficial só veio um ano depois e por meio de áudio (BUNZEL, 2015).

Em 2013 acontece um grande marco para o grupo, que consiste na expansão para territórios sírios (ou *Sham*, palavra árabe para Grande Síria). Com isso, observou-se mais uma renomeação, a partir de então, passa a se chamar *Islamic State of Iraq and Sham* (ISIS, ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante, EIIL). Desse momento em diante, o EIIL ou ISIS, passa a se engajar em grandes ações, tais como a conquista da cidade iraquiana de Fallujah, em 2014, que foi um marco na consolidação do poder do grupo na região (BUNZEL, 2015; NAPOLEONI, 2015).

Nesse mesmo ano, há a dissociação da *Al-Qaeda* com o ISIS, pois instaurou-se um clima tenso entre as duas organizações. Em junho de 2014 ocorreu a conquista da cidade iraquiana de Mosul, o que significou a declaração definitiva do califado para o grupo. Assim sendo, com um novo regime instaurado, houve a última mudança de nome, onde o grupo passou a assumir a alcunha de *Islamic State* (IS, ou Estado Islâmico, EI)<sup>xv</sup> (BUNZEL, 2015; COCKBURN, 2015).

Colocada essa contextualização histórica do grupo através dos seus vários nomes, nota-se que cada um deles e seus acrônimos transmitem um momento em que a organização se encontrava. Sendo assim, cabe destacar que neste artigo é utilizado o nome “Estado Islâmico”, pois é o último adotado. Então, é ele o usado, dentro da revista que é analisada, como autodenominação do grupo.

Na próxima seção, a abordagem caminha para a revista em análise. No início é trabalhado a contextualização do periódico, visando compreender de onde surgiu e qual o seu propósito. Em seguida, adentra-se no estudo das edições em que o tema guerra de procuração e *proxies* são abordados.

### 3. DABIQ MAGAZINE

A *Dabiq Magazine* foi a primeira desta série de periódicos que visavam o público fora da área de dominação direta do grupo, por isso a língua escolhida foi o inglês, pois permitia maior alcance. Outro ponto, é a maneira como a difusão do periódico era feita, no meio online, que permite um efeito catalisador. Sendo assim, o poder<sup>xvi</sup> dessa narrativa atinge diversas áreas do mundo de maneira rápida.

Dentre todos os periódicos do grupo, foi a que durou por mais tempo, com quinze edições publicadas. A primeira edição foi lançada em julho de 2014, e inicialmente eram bimestrais, mas no final de 2015 tornaram-se trimestrais, e em julho de 2016 encerraram-se sua publicação (GAMBHIR, 2014).

O nome *Dabiq* é em referência a uma cidade<sup>xvii</sup> na Síria onde, de acordo com registros do Profeta Maomé foram narrados eventos do *Armagedom*. Ainda de acordo com tais registros, esse território sírio será um ator importante na batalha contra os cruzados - termo usado para caracterizar quem habita o ocidente -, além de ser uma analogia com a época das cruzadas, no qual os cristãos travaram batalhas para dominar cidades muçulmanas (DABIQ MAGAZINE, 2014a).

A revista ao longo das suas edições construiu sua ideologia<sup>xviii</sup> que se tornou base de apoio do Califado. Nela destacam-se feitos e conquistas militares realizadas, divulgação das ações do governo e califa na região, inúmeras mensagens religiosas em todas as edições, propagação de fotos, indicação de vídeos, e uma seção que mostra como o grupo é visto nas palavras do “inimigo” (FONSECA; LASMAR, 2017).

De acordo com Ingram (2016), esse tipo de conteúdo da revista tem como objetivo construir uma narrativa convidativa e acolhedora, que por um lado moldam as características do grupo, e por outro servem de chamariz para aqueles que querem migrar<sup>xix</sup> para os territórios do Estado Islâmico ou engajarem em atos terroristas domésticos. Para isso, os artigos da *Dabiq* são feitos de duas maneiras: Primeiro, a publicação cria um “sistema competitivo de sentido” (p.02), dando ao seu leitor uma perspectiva alternativa e conflituosa àquele mundo em que ele vive - o ocidente. Em um segundo, o “sistema de sentido” é feito em cima do apelo da identidade, isto é, visando atingir um número maior de potenciais apoiadores.

A revista é fruto do *Al Hayat Media Center*<sup>xx</sup>, centro de mídia do Estado Islâmico criado em 2014. Este centro é responsável pelas revistas, produção dos vídeos, entre



outros aplicativos para celular. A missão do centro de mídia é “transmitir a mensagem do Estado Islâmico em diferentes linguagens, buscando a unificação dos muçulmanos sob uma única bandeira. [...] O nome *Al Hayat* - o qual significa vida- [...]”<sup>xxi</sup> (DABIQ, 2014b, p. 43, tradução nossa).

Além dessa produção citada, o centro de mídia também elabora legendas na língua inglesa para os materiais em audiovisual produzidos pelo grupo. Ademais, produz traduções de conteúdos prévios à criação do centro (SIBONI; COHEN; KOREN, 2015). Como dito, o *Al Hayat Media Center* divulgou outras revistas online com o público alvo não falante do inglês, mas nos mesmos moldes da *Dabiq*. São elas: a *Dar al Islam* (francês), *Istok* (Russo) e *Konstantiniyye* (Turco). As publicações variam, mas contém, aproximadamente, 50 a 60 páginas por edição.

Enfatizadas essas questões acerca do periódico escolhido, em sequência é realizada a análise proposta neste artigo. Entretanto, se faz essencial grifar que os materiais produzidos<sup>xxii</sup> pelo Estado Islâmico são consultados e recolhidos por meio de cadastro no website *Jihadology.net*.. Este é um projeto de Aaron Y. Zelin, membro<sup>xxiii</sup> do *Washington Institute for Near East Policy*, que em sua página realça os propósitos acadêmicos de pesquisa, e que não apoia nenhum dos materiais divulgados, além de que o website não é vinculado ao instituto de pesquisa em que Zelin atua (ZELIN, 2019).

#### 4. DABIQ MAGAZINE X GUERRA DE PROCURAÇÃO

A observação proposta neste artigo se dá por meio de seis edições da *Dabiq Magazine*, isso porque os temas Guerra de Procuração e/ou *proxies* não são abordados em todas as edições. Assim, com a filtragem dos conteúdos relevantes ao tema, temos como base as seguintes edições n<sup>os</sup> 04, 05, 09, 10, 12 e 14.

##### *Dabiq Magazine* n<sup>o</sup> 04

Na Edição n<sup>o</sup> 04 temos quatro páginas com o discurso do porta-voz oficial do Estado Islâmico à época, Abu Muhammad al-Adnani<sup>xxiv</sup>. Neste discurso são abordados diversos assuntos pertinentes ao grupo e sua existência. Entre esses, pode-se observar a citação que al-Adnani questiona a retirada das tropas estadunidenses de território iraquiano. O porta-voz afirma que, apesar da alegada saída do efetivo estadunidense,

naquele momento se manteve o *status quo* da presença na região, uma vez que os *proxies* agora eram quem estavam na linha de frente.

Você alegou que teria retirada do Iraque – O Obama – quatro anos atrás. Nós dissemos para vocês que eram mentirosos, que vocês não saíam, e se vocês saíam que vocês iriam retornar, mesmo se fosse depois de algum tempo, vocês iriam retornar. Aqui está; você não se retirou. Ao invés, vocês esconderam algumas de suas forças atrás de seus *proxies* e retirou o resto. Suas forças irão retornar em um número maior do que eram anteriormente. Você irá retornar e seus *proxies* não vão servi-los. E se você não for capaz de retornar, então nós iremos à sua terra natal pela permissão de Allah.<sup>xxv</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p.8) (Tradução nossa).

Nesta mesma edição, nas páginas 41 e 42 (Figura 1 e Figura 2, respectivamente) temos uma seção dedicada à elaboração de um rol de quem são os *proxies* na região e quais são seus objetivos.



Figura 1: *Dabiq Magazine*, 2014c, p.41

Figura 2: *Dabiq Magazine*, 2014c, p.42

Na Figura 1, novamente é colocado que os estadunidenses se utilizam de *proxies* para não entrarem diretamente em conflito com o grupo. “América - em seu auge de fraqueza e covardia – reconforta seu povo que não irá entrar diretamente em guerra contra o Estado Islâmico, mas prefere confiar em *proxies* apóstatas na região. Então, quem são os *proxies* propostos?”<sup>xxvi</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41). Esse movimento é posto

como covarde pelo Estado Islâmico, uma vez que os *proxies* servem de escudo para esconder os soldados “reais” do conflito em si.

Nessa listagem observa-se o Partido dos Trabalhadores do Curdistão<sup>xxvii</sup> (PKK), o *Free Syrian Army*<sup>xxviii</sup> (FSA ou Exército Livre da Síria) e os Pashmergas (Combatentes do Exército curdo). Dentro da matéria é feito um breve relato do que/de quem seria esse grupo e como ele se enquadra na categoria *Proxy*, ou seja, descreve-se qual tipo de suporte é recebido. Para o PKK, observa-se a ajuda no que tange aos ataques aéreos empreendidos pelo Estados Unidos.

Esses “comunistas”, “terroristas”, e apoiadores do regime Asad – composto por numerosas “combatentes” mulheres fracas – estão sendo ajudadas pelos ataques aéreos dos EUA na Síria. Apesar dos ataques aéreos e da suposta longa experiência de guerra das guerrilhas do PKK na Turquia, o Estado Islâmico tem expulsado o PKK de maior parte de seu bastião pelo poder e força de Allah<sup>xxix</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41) (Tradução nossa).

A mesma lógica segue com o Exército Livre da Síria, descrição e como se enquadra com um *Proxy* do ocidente. No entanto, vale destacar que, não só nesse caso, mas nos outros também, o Estado Islâmico, ao depreciar a outra organização, também enaltece suas ações contra quem estão abordando.

Eles têm repetidamente vendido armamento que eles recebem do Ocidente e de doadores apóstatas por quase nada para traficantes de armas. O Estado Islâmico tem comprado muitos desses armamentos por preços atrativamente baratos. Finalmente, esse exército não foi ainda treinado por cruzados para combater mujahidin<sup>xxx</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41) (Tradução nossa).

Aos Pashmergas é dado um brevíssimo elogio aos combatentes do passado, para servir de base de comparação para, em seguida, desqualificar os atuais. Como se pode ver no seguinte trecho: “Ao contrário dos Pashmergas do passado, os combatentes atuais são medrosos mercenários, vazios de qualquer credo e que só esperam seu minguido salário. Por essa razão, o Estado Islâmico foi capaz de expulsá-los facilmente da Província de Ninawa<sup>xxxi</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41).

Por fim, é feito um levantamento dos combatentes necessários e destaca algumas figuras políticas importantes da política estadunidense e o uso de *proxies*.

O cruzado General Dempsey alega que o EUA precisa de no mínimo 15 mil combatentes em campo para tirar território do Estado Islâmico, enquanto a CIA afirma que o Estado Islâmico tem 31.500 combatentes que estão aumentando diariamente! O Secretário de Defesa Hagel diz que seus combatentes *proxies* precisam ser filtrados para ter certeza que nenhum armamento e ajuda enviados pelos EUA terminem nas mãos de seus inimigos. O treinamento dessas forças

levará um ano para se completar. Então, até lá, os ataques aéreos fracassados são as únicas ferramentas de guerra dos cruzados. De acordo com Scheuer, a única vez que somente ataques aéreos foram bem-sucedidos em determinar o fim de uma guerra foram os ataques de Hiroshima e Nagasaki!<sup>xxxii xxxiii</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 42) (Tradução nossa).

### ***Dabiq Magazine n° 05***

118

Nesta edição do periódico há somente um breve momento em que o uso de *proxies* é citado. Nesse caso, o Principal citado não é os Estados Unidos, mas sim países europeus. Contudo não há uma especificação de qual país está sendo citado.

Argélia é a terra, no qual o mujahidin possivelmente empreende a mais longa e contínua jihad contra o regime taghut, desde a retirada dos cruzados europeus das terras muçulmanas e a estruturação de *proxies* apóstatas para comandar a região após sua saída. Sua jihad enfrentou muitas atribulações e digressões, mais recentemente um desvio da jihad contra o regime apóstata para um chamado de coexistência pacífica junto com os regimes da chamada “Primavera Árabe” e por uma jahili<sup>xxxiv</sup> unificação com secularistas, movimentos nacionalistas contra “o comum, inimigo estrangeiro”. Essa mentalidade levou à um completo silêncio das operações contra o regime argelino tudo pelo bem de revoluções desconhecidas e para o detrimento da tawhid<sup>xxxv</sup> e jihad<sup>xxxvi</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2014d, p. 31) (Tradução nossa).

Como observado no texto, a questão principal é a continuidade da *jihad* na Argélia - mais do que o uso efetivo de *proxies*. Entretanto, o destaque para esse trecho se deve, mesmo que com uma indicação rápida, do Principal como algum país europeu e não o constante apontamento do EUA como este ator.

### ***Dabiq Magazine n° 09***

Nessa edição também não observamos grandes desenvolvimentos ou citações de *proxies* e seus usos e entendimentos. Esta seção da Revista se trata de um especial em que o Estado Islâmico coloca os sucessos de suas alianças *versus* o fracasso dos Estados Unidos e aliados de deter os avanços do grupo.

E enquanto o Estado Islâmico toma os armamentos dos *proxies* apoiados pelos Americanos e Iranianos, no qual os *mujahidin* massacra, se apodera de tanques, lançadores de foguetes, sistemas de míssil e sistemas antiaéreo. Adquirir aeronave seria o próximo passo lógico. É o enredo de um filme de horror político Ocidental<sup>xxxvii</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015a, p. 76) (Tradução nossa).

Pelo trecho citado, nota-se que a citação do Principal e do *Proxy* tem como objetivo rebaixar o uso desses, ao mesmo tempo que reafirma o poderio do Estado Islâmico sobre esses grupos. Isso é reforçado pela imagem do Morteiro M198, material

de artilharia pesada, que está sendo rebocado por um caminhão com o estandarte do grupo.

### *Dabiq Magazine* nº10



[You would think they are united, but their hearts are divided] [al-Hasher 14].

When American warplanes began bombing the region of 'Ayn al-Islam last year in support of their YPG proxies – the Syrian branch of the PKK – in an attempt to halt the Islamic State's advance, PKK supporters enthusiastically welcomed America's intervention in the region. Their excitement at being backed by the firepower of America's air force did not even subside when that same air force decimated 'Ayn al-Islam, turning the Kurdish city into a heap of rubble and debris. The crusaders' desperate need for a competent proxy force on the ground meant that they were prepared to spend hundreds of millions of dollars, if not more, on providing close air cover for an organization that they still consider a terrorist entity. For the PKK, it was a reason to celebrate. They suddenly had their own air force, it was clear the crusaders needed them, and as far as they were concerned, nothing could ruin the moment. It was the birth of American Kurdistan.

Stretching from eastern Turkey, through northern Syria and Iraq, all the way to northwestern Iran, the region commonly referred to as Kurdistan is comprised of a majority Kurdish population. Despite the legacy of the Muslim Kurds producing

1 The Kurdistan Workers' Party in Turkey – including their Syrian branch, the PYD/YPG. The acronym 'Kurdistan' is used to refer to the region of Kurdistan in Iraq, Syria, and Turkey. It is not to be confused with the Kurdistan Region of Iraq, the Kurdistan Democratic Republic of Iraq, or the Kurdistan Region of Turkey.

legends such as Salihuddin al-Ayyubi, amongst others, the bulk of the Kurdish political and military factions today are secularist or Marxist in nature. The most prominent of these rival factions are the PKK, the KDP<sup>2</sup>, and the PUK<sup>3</sup>.

Driven by their opportunism, not to mention their fear of Allah's Shari'ah one day ruling Kurdistan, these groups have allied with the crusaders in their war against the Islamic State, hoping to bolster their own image on the international political scene, and secure American and international support for their political goals in exchange for their largely inept role on the frontlines against the mujahidin. For their part, the crusaders believe that the PKK represents a key part of their strategy in Shām, seeing them the embarrassment of having to rely exclusively on the Free Syrian Army (FSA). In Shām, the PKK is depicted as a force capable of taking on the mujahidin and winning. The reality, however, is that the PKK are just as, if not more incompetent than the FSA. They lost hundreds of villages and conceded a large stretch of territory in the 'Ayn al-Islam countryside in Wilayat Halab and Wilayat ar-Raqqah in a matter of days, with the soldiers of the Khalifah eventually entering and fighting their way through 'Ayn al-Islam, and even capturing the bulk of the city.

2 The Kurdistan Democratic Party based in Iraq and led by the mufti al-Muhammad Barzani.

3 The Patriotic Union of Kurdistan based in Iraq and led by the mufti al-Bakr Talabani. It is the main rival to the Kurdistan Workers' Party.

Figura 3: *Dabiq Magazine*, 2015b, p.30

Nesta edição a *Dabiq Magazine* retoma a atenção para a relação entre Estados Unidos e *proxies* que combatem diretamente o Estado Islâmico. Na Figura 3 nota-se a foto<sup>xxxviii</sup> do antigo Secretário de Estado dos Estados Unidos, John Kerry, e o antigo Presidente do Curdistão Iraquiano, Massoud Barzani. Em complemento ao aperto de mão visto na foto, temos o trecho destacado, em que há – talvez – uma ironia por parte da revista, ao colocar a aliança entre os dois líderes políticos, e consequentemente a instauração de uma relação *Principal-Proxy*.

Quando os aviões de guerra americanos começaram a bombardear a região de 'Ayn al-Islam em apoio aos seus *proxies* do YPG – a divisão síria do PKK – em uma tentativa de parar o avanço do Estado Islâmico, apoiadores do PKK entusiasticamente deram boas-vindas à intervenção americana na região. Sua felicidade de serem apoiados pelo poder de fogo da força aérea Americana não diminuiu quando a mesma força aérea dizimou 'Ayn al-Islam, tornando o Curdistão uma cidade com uma pilha de escombros e destroços. Os cruzados precisam desesperadamente de forças *proxy* competentes em chão, significando que eles estão preparados para gastar centenas de milhares de dólares, senão mais, em prover cobertura aérea para uma organização que eles ainda consideram como uma entidade terrorista. Para o PKK, isso foi razão

para celebrar. Eles de repente têm sua própria força aérea, estava claro que os cruzados precisavam deles, e enquanto eles estivessem preocupados, nada poderia arruinar o momento. Era o nascimento do Curdistão Americano<sup>xxxixxl</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 30) (Tradução nossa).

A seção, que tem início na página da Figura 3, continua por mais quatro páginas, onde são abordadas as ações do PKK e de líderes políticos da região ligados ao grupo, contra o Estado Islâmico, e como este consegue facilmente superar as investidas. E uma característica muito usada para designar esses *proxies* é “incompetência”, já que são pagos e para vencer o Estado Islâmico, e não conseguem.

120

Ainda sendo os *proxies* incompetentes que são, o PKK – brevemente depois – se encontrou flanqueado pelos soldados do Estado Islâmico que se infiltraram nos seus territórios e entraram na ‘Ayn al-Islam mais uma vez, com mais ganhos sendo feitos pelos *mujahidin* logo após no Sul e no interior do ocidente. Isso juntamente com a ofensiva do Califado na província de al-Barakah, onde os *mujahidin* avançaram na cidade de al-Barakah de dois pontos, esmagando forças Nusayri e se aproximando do território do PKK na cidade. [...] O PKK teve que se apoiar no recrutamento de combatentes estrangeiros ocidentais, muitos dos quais vieram apenas para fugir depois de sentir o gosto de alguns dias de adversidades da guerra<sup>xli</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 31-32) (Tradução nossa).

Com esses trechos destacados, em complemento com o próximo, observa-se que ao mesmo tempo em que há a constatação da incompetência dos *proxies* frente ao poderio do Estado Islâmico, também é colocado um desafio aos cruzados (Principal) para que entrem em campo. Ou seja, a visão do Principal como covarde está constantemente presente nas colocações elaboradas pela *Dabiq Magazine*.

No Iraque, enquanto isso, o reconhecimento das inabilidades dos Pashmergas para ter e sustentar ganhos nos campos de batalha – como também o fracasso de Safawiyyin na mesma visão – levou os cruzados a fazer uma derradeira tentativa em criar uma força local “forte” o suficiente para enfrentar. A formação de um novo *proxy* nessa altura do jogo não é surpresa. Os cruzados perderam suas esperanças nos seus *proxies Safawi* e começaram a se distanciar de sua incompetência, com o Secretário de Defesa Americano, Ashton Carter, recentemente culpando a falta de vontade de lutar de Safawiyyin, pela sua derrota e vergonhosa retirada de ar-Ramadi. Da última vez que eles foram pegos de surpresa junto com a incompetências de seus *proxies Safawi*. Mosul foi liberada. Isso foi quando eles começaram a colocar suas esperanças nos apóstatas curdos. Agora que eles estão vendo a inefetividade de seus *proxies* curdos em tomar os territórios do Estado Islâmico por conta própria, os cruzados começaram a apostar em um novo levante “sunita”. A queda do Curdistão Americano é, portanto, inevitável, e os cruzados logo não terão escolha senão buscar uma trégua ou colocar suas próprias botas no solo. O resultado, de qualquer maneira, será ver a coalizão cruzada – nas palavras americanas – degradada e finalmente derrotada, *bi idhnillah*<sup>xlii</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 34) (Tradução nossa).

***Dabiq Magazine* n° 12**

Nesta edição é feita uma lista semelhante a apresentada na Edição nº 04, inclusive com os mesmos protagonistas. Contudo nesse momento o foco é estabelecer de qual Principal é o *Proxy* envolvido no conflito. Essa categorização é destacada, inclusive, no título dessa seção “*The Competition over Proxies*” (A Competição pelos *Proxies*). Nisso constatamos que, novamente, não é somente os Estados Unidos que tem interesses em estabelecer *proxies* na região.

De partida é colocado o PKK. Contudo o Estado Islâmico constrói uma visão de que esse grupo não inspira confiança nem com o seu Principal. Isso porque na *Dabiq* são colocados alguns momentos em que o PKK mudou de aliança. E não foi uma mudança simples, mas uma alteração de Principal que são divergentes entre si, tal qual EUA e Rússia.

E o que enfureceu a América foi que a Rússia já havia oferecido sua ajuda para cooperar com o PKK, como também para reintegrar as regiões do PKK de volta para aquelas do regime Asad (provavelmente com algum grau de autonomia). O apoio governamental da mídia russa produziu até documentários propagandístico para o PKK em canais russos de TV via satélite. Também saíram relatórios em que o partido sírio *Baath* estava permitindo abrir filiais de escritórios em Tall Abyad e outras cidades recentemente alcançadas pelo PKK. Isso não é surpresa, que o regime Asad se utiliza de uma relação próxima com o PKK para sufocar qualquer oposição ao regime em regiões Curdas desde o início na “Revolução Síria”<sup>xliii</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.44) (Tradução nossa).

Em sequência é trazido o Exército Livre da Síria e outras facções nacionalistas, que são compostas por antigos líderes do partido político *Baath*. Nesse caso, a aliança e fidelidade se mantém com os Estados Unidos, “embora tal mudança de aliança seja possível, é improvável que ocorra em larga escala, a menos que a América abandone essa facção em favor de alguma outra missão “política” na Síria mais em sintonia com a religião americana”<sup>xliv</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45) (Tradução nossa).

Em seguida, são apresentados alguns atores que não haviam sido citados, mas nesse caso, eles não encaixados na categoria *proxies* e sim, apoiadores. “Os *tawāghīt*<sup>xlv</sup> da Jordânia, os Emirados Árabes Unidos (UAE), e o Egito declararam seu suporte à intervenção russa na Síria, apesar da posição americana nessa questão”<sup>xlvi</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45).

No entanto, há o mesmo tom de desprezo em relação às relações estabelecidas, mas quando se trata de *Proxy* há alguma provocação ao Principal, como observamos nesse trecho: “Quanto aos *tawāghīt* da Turquia aliados com a América, eles já se ajoelharam

em uma guerra com os aliados americanos do PKK, no qual os combatentes estão agora preenchendo o buraco das forças americanas em campo”<sup>xlvi</sup> (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45).

## CONCLUSÃO

Este artigo visava analisar a guerra de procuração sob a ótica do Estado Islâmico. Para isso, inicialmente foi abordado o conceito de guerra de procuração. Como tal, compreende-se uma relação estratégica entre dois atores – Principal e *Proxy*, que detêm interesses comuns em determinado conflito. Nesse caso, o Principal aporta recursos ao *Proxy*, que possui engajamento direto em batalha. Assim, o Patrocinador colheria os resultados pretendidos sem envolver-se diretamente.

Os argumentos para esse tipo de relação são diversos. Destaca-se, entretanto, a utilização de *Proxies* em operações de contraterrorismo. Os Estados Unidos utilizaram essa estratégia em alguns dos conflitos que participou – como a Guerra no Iraque. Nela, os EUA buscaram estabelecer o novo governo iraquiano como um *Proxy* contra grupos terroristas na região. Contudo, a invasão do Estado Islâmico ao oeste do Iraque provou a fragilidade desse novo sistema.

Estabelecido em 2014 sob o regime de Califado, o EI se tornou a principal peça que influenciou a balança de poder no Oriente Médio. Com o objetivo de angariar apoio externo à causa, o grupo passou a publicar revistas cujo conteúdo abordava a ideologia do grupo, além de rebater os discursos e posicionamentos dos seus inimigos.

O principal veículo de comunicação do grupo foi a *Dabiq Magazine*. Publicada online e em língua inglesa, seu objetivo era difundir as ideias do EI para o maior público possível. Em determinadas edições é possível observar o posicionamento do Estado Islâmico em relação à alguns de seus inimigos, dentre eles: o PKK, o FSA e os Peshmergas.

O que esses atores têm em comum é o fato de serem vistos como *Proxies* pelo Estado Islâmico. O grupo tem uma visão negativa a respeito deles, rotulando-os como fracos, despreparados e incompetentes. De acordo com o EI, esses *Proxies* não seriam capazes de sustentar poder de fogo contra o Estado Islâmico pois são: comunistas e



terroristas (PKK); ladrões, superficiais e sem treinamento (FSA); e mercenários medrosos (Peshmergas).

As críticas também são direcionadas aos Patrocinadores. Aos Estados Unidos, geralmente é creditado o papel de Principal dos *Proxies* que lutam contra o Estado Islâmico. Apesar de ser uma estratégia, de fato, adotada pelo governo estadunidense no período, o Estado Islâmico vê essa abordagem como uma atitude covarde dos EUA, por evitar o confronto direto com o grupo.

Além dos EUA, no entanto, a *Dabiq* enumera outros Estados que utilizam *Proxies* na região onde atua o Estado Islâmico. São citados: a Rússia e sua relação com o PKK; e também os “cruzados europeus” (provavelmente uma alusão à França) que ainda possuem estreita relação com governo da Argélia.

Em suma, todos esses atores externos – Estados Unidos, Rússia e Estados europeus – possuem interesses estratégicos na área de atuação do Estado Islâmico. Paralelamente, a presença militar deles na região interferindo em assuntos locais fere o princípio de não-intervenção e já foi criticada em Organismos Internacionais.

Dessa forma, a associação desses atores com grupos locais, para alcançar seus objetivos estratégicos, é uma estratégia aceitável para seus governos. Consequentemente, o emprego de *Proxies* é feito por alguns desses Estados de forma declarada – como nos EUA.

Assim, o EI corretamente afirma a existência *Proxies* atuando na região. De fato, os EUA e seus aliados aproveitam a importância estratégica deles e um interesse comum – em um certo nível – para treiná-los e dar suporte às suas operações. Para o EI, isso é covardia e vergonha; para os EUA e seus aliados, é alcançar seus objetivos com o menor custo político, econômico e estratégico possível.

Contudo, a análise realizada neste artigo não pretende esgotar o assunto. Antes, percebe-se a diversidade de conteúdo existente a ser analisado, e que pode servir para estudos futuros sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

ANGELL, Norman. **A Grande Ilusão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A desordem mundial**: o espectro da total dominação: guerra por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BARNARD, Anne; HUBBARD, Ben. **Allies or Terrorists? Who Are the Kurdish Fighters in Syria?** New York Times, 25/01/2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/01/25/world/middleeast/turkey-kurds-syria.html>>. Acesso em 04 jul. 2019.

BERMAN, Eli; LAKE, David; PADRÓ i MIQUEL, Gerard; YARED, Pierre. Principals, Agents and Foreign Policies. In: BERMAN, Eli; LAKE, David. **Proxy Wars**. Ithaca: Cornell University Press, 2019, pp. 01-27.

BRUNO, Greg. **Inside the Kurdistan Workers Party**. Council on Foreign Relations, 19/10/2007. Disponível em: <<https://www.cfr.org/background/inside-kurdistan-workers-party-pkk>>. Acesso em 04 jul. 2019.

BUNZEL, Cole. **From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State**. Washington DC: Brookings Institution, 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/The-ideology-of-the-Islamic-State.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1984.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 1, 2014a.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 2, 2014b.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 4, 2014c.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 5, 2014d.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 9, 2015a.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 10, 2015b.

**DABIQ MAGAZINE**. [s.l.]: Al- Hayat Media Center, v. 12, 2015c.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COCKBURN, Patrick. **A Origem do Estado Islâmico**: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

FONSECA, Guilherme Damasceno; LASMAR, Jorge Mascarenhas. **Passaporte para o terror**: os voluntários do Estado Islâmico. Curitiba: Appris, 2017.

FSA. **Free Syrian Armed Forces**. Disponível em : <<https://fsaplatform.org/fsa>>. Acesso em 04 jul. 2019.

GAMBHIR, Harleen K. **DABIQ: The strategic messaging of the Islamic State**. 2014. Elaborada por Institute for the Study of War (ISW). Disponível em: <<http://www.understandingwar.org/background/dabiq-strategic-messaging-islamic-state>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

GAMBHIR, Harleen. **The virtual caliphate**: ISIS's information warfare. 2016. Elaborada por Institute for the Study of War (ISW). Disponível em: <[https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/ISW%20The%20Virtual%20Caliphate%20Gambhir%202016%20\(2\).pdf](https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/ISW%20The%20Virtual%20Caliphate%20Gambhir%202016%20(2).pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2019.

INGRAM, Haroro J.. An analysis of Islamic State's Dabiq magazine. **Australian Journal Of Political Science**, [s.l.], v. 51, n. 3, p.458-477, 13 jun. 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/303955253\\_An\\_analysis\\_of\\_Islamic\\_State's\\_Dabiq\\_magazine](https://www.researchgate.net/publication/303955253_An_analysis_of_Islamic_State's_Dabiq_magazine)>. Acesso em: 27 jun. 2019.

INNES, Michael; BANKS, William. **Making Sense of Proxy Wars**. Washington: Potomac Books, 2012.

KATZ, Brian. **Imperfect Proxies: The Pros and Perils of Partnering with Non-State Actors for CT**. CSIS Briefs, jan. 2019, pp. 01-11.

KIRAS, James. Irregular Warfare: Terrorism and Insurgency. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James; GRAY, Colin (org.). **Strategy in Contemporary World**. Oxford: Oxford University Press, 5ª ed., 2016.

MARSDEN, Sarah; SCHMID, Alan. Typologies of Terrorism and Political Violence. In: SCHMID, Alan (org.). **The Routledge Handbook of Terrorism Research**. New York: Routledge, 2011, pp. 158-200.

McALLISTER, Bradley; SCHMID, Alan. Theories of Terrorism. In: SCHMID, Alan (org.). **The Routledge Handbook of Terrorism Research**. New York: Routledge, 2011, pp. 201-271.

NAPOLEONI, Loretta. **A fênix islamista: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/carta/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SCHMID, Alan (org.). **The Routledge Handbook of Terrorism Research**. New York: Routledge, 2011.

SIBONI, Gabi; COHEN, Daniel; KOREN, Tal. The Islamic State's Strategy in Cyberspace. **Military And Strategic Affairs**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.127-144, mar. 2015. Disponível em: <[http://www.inss.org.il/wp-content/uploads/systemfiles/7\\_Siboni\\_Cohen\\_Koren.pdf](http://www.inss.org.il/wp-content/uploads/systemfiles/7_Siboni_Cohen_Koren.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2019.

TAYLOR, Adam. **France is ditching the 'Islamic State' name — and replacing it with a label the group hates**. 2014. Elaborada por The Washington Post. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/09/17/france-is-ditching-the-islamic-state-name-and-replacing-it-with-a-label-the-group-hates/?noredirect=on&utm\\_term=.1ea6ee023771](https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/09/17/france-is-ditching-the-islamic-state-name-and-replacing-it-with-a-label-the-group-hates/?noredirect=on&utm_term=.1ea6ee023771). Acesso em: 25 jun. 2019.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

UNITED NATIONS, General Assembly of the. **Resolution 2625 (XXV)**. 24 de outubro de 1970. Disponível em: <[https://undocs.org/en/A/RES/2625\(XXV\)](https://undocs.org/en/A/RES/2625(XXV))>. Acesso em: 23 abr. 2021.

UNITED STATES. **Foreign Terrorist Organizations**. Disponível em: <<https://www.state.gov/foreign-terrorist-organizations/>>. Acesso em 04 jul. 2019.

WALTZ, Kenneth. **Man, the State and War: A Theoretical Analysis**. 2 ed. New York: Columbia University Press, 2001.

WHITESIDE, Craig. **Lighting the Path: the Evolution of the Islamic State Media Enterprise (2003-2016)**. [s.l.]: The International Centre For Counter-terrorism – The

Hague, 2016. Disponível em: <<https://icct.nl/wp-content/uploads/2016/11/ICCT-Whiteside-Lighting-the-Path-the-Evolution-of-the-Islamic-State-Media-Enterprise-2003-2016-Nov2016.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

ZELIN, Aaron Y.. **Jihadology**. 2019. Disponível em: <<https://jihadology.net/>>.

<sup>i</sup> Decerto, a participação de terceiros em um conflito interno claramente fere o princípio de não intervenção, consagrado no artigo 2.7 da Carta das Nações Unidas. A partir dele, “nenhum dispositivo da presente Carta autorizará as Nações Unidas a intervirem em assuntos que dependam essencialmente da jurisdição de qualquer Estado ou obrigará os membros a submeterem tais assuntos a uma solução, nos termos da presente Carta” (NAÇÕES UNIDAS, 1945, art. 2.7).

<sup>ii</sup> “The principal promises rewards and punishments to the proxy, which compel the latter to act to suppress the disturbance” (BERMAN et al, 2019, p. 03).

<sup>iii</sup> “In that Cold War formulation, proxies were little more than third-party tools of statecraft without any agency, intent, or, indeed, interests visibly separable from those of a well-resourced state sponsor” (INNES; BANKS, 2012, p. xiii).

<sup>iv</sup> “The standard view that followed in the 1990s was that the end of the U.S.-Soviet rivalry also ended the resource pipeline that enabled terrorist and insurgent organizations, forcing them to look to criminal activity to survive and precipitating the growth of dangerously independent and well-resourced militants, mercenaries, and warlords” (INNES, BANKS, 2012, p. xiii).

<sup>v</sup> Every State has the duty to refrain from organizing or encouraging the organization of irregular forces or armed bands, including mercenaries, for incursion into the territory of another State.

Every State has the duty to refrain from organizing, instigating, assisting or participating in acts of civil strife or terrorist acts in another State or acquiescing in organized activities within its territory directed towards the commission of such acts, when the acts referred to in the present paragraph involve a threat or use of force (UNITED NATIONS, 1970, p.123).

<sup>vi</sup> “A disturbance might be a terrorist attack, noncooperation on diplomatic goals, nuclear weapons tests, human rights abuses, flows of drugs, or lawlessness, for example. Depending on the setting, the principal might be a counterinsurgent, the government of a neighboring country, or the government of a great power interested in minimizing disturbances arising from another country. Second, there is an agent (or proxy), a subordinate whose actions the principal might influence, and who can suppress disturbances at lower cost than the principal can (when acting directly)” (BERMAN et al., 2019, p. 11).

<sup>vii</sup> “Surrogate terrorism is a more remote form of sponsorship involving the enabling of a group leading to an enhanced capacity to carry out terrorism. Finally, there is state acquiescence in the execution of terrorism which, subsequently, is not condemned or opposed by the state because of the existence of mutually shared interests between state and terrorist actors” (MARSDEN; SCHMID, 2011, p. 178).

<sup>viii</sup> “Since supporting client groups abroad is a cheap alternative to conventional conflict waging, terrorism by-proxy has been utilized by a number of states for a variety of reasons, the most basic being ‘my enemy’s enemy is my friend’” (McALLISTER; SCHMID, 2011, p. 210).

<sup>ix</sup> “After invading Iraq and removing Saddam Hussein from power in 2003, the United States raced to build a new government in Baghdad that would, in the hopes of the administration, be an ally in the global war on terror. As the civil war subsequently raged out of control, and Islamist fighters poured into the country to defeat the American “infidels” and establish a base of operations for global jihad, the United States sought to “step up” an Iraqi army that would allow its own forces to “step down.” [...] Despite billions of dollars in aid and extensive training of Iraqi forces, the still-weak state crumbled when ISIS invaded western Iraq in the summer of 2014.” (BERMAN et al, 2019, pp. 01-02).

<sup>x</sup> Berman et al. (2019) sugerem que, quando um Patrocinador tem interesse na utilização de um Proxy, o primeiro define um sistema de recompensas e punições para o último, de modo a buscar sua colaboração.

<sup>xi</sup> “When the principal fails to use appropriate incentives, the local proxy shirks, failing to act to suppress disturbances” (IDEM, 2019, p. 04).

<sup>xii</sup> Entende-se por Califado “uma organização política, militar e religiosa, de natureza estatal, comandada por um Califa, uma pessoa com autoridade moral e religiosa, apta a ser sucessora do Profeta” (FONSECA; LASMAR, 2017, p. 30).

<sup>xiii</sup> “Forma plural da palavra árabe *mujahed* e que significa “aquele que faz jihad”. O termo era aplicado a muçulmanos que lutavam contra os soviéticos no Afeganistão (1979-1989) e tem sido traduzido como “guerreiros santos” (NAPOLEONI, 2015, p. 141).

<sup>xiv</sup> “Termo que significa, literalmente, “a base”, é uma organização criada, por volta de 1988, por Osama bin Laden e Abu Ubaydah al-Banshiri, o principal comandante militar de bin Laden, como uma rede para interligar os árabes que se ofereceram como voluntários para combater na jihad soviética. A Al-Qaeda ajudou também a financiar, recrutar e treinar extremistas islâmicos sunitas para participarem da resistência afegã. Em pouco tempo, ela se transformou numa organização de insurgentes islâmicos sunitas multiétnica e continuou ativa até muito depois da Guerra do Afeganistão. Seu principal objetivo é o estabelecimento de um Califado Pan-Islâmico em todo o mundo árabe e, por isso, ela busca obter a colaboração de outras organizações armadas islâmicas para derrubar governos considerados “não islâmicos” e expulsar ocidentais e não muçulmanos de países islâmicos. Em 1998, ela se fundiu com a Jihad Islâmica Egípcia (“al- Jihad”). Acredita-se que o número de membros da organização oscile entre várias centenas e alguns milhares de pessoas” (NAPOLEONI, 2015, p. 133-134).

<sup>xv</sup> É importante observar que alguns representantes governamentais e meios de comunicação utilizam do termo *Daesh*, que é o acrônimo para o nome do grupo em árabe. Esse uso é de maneira depreciativa, uma vez que é sabido que o grupo não gosta dessa denominação, pois esse acrônimo é associado com outras palavras em árabe de significados pejorativos. Outro ponto é que se evita a utilização da palavra “Estado”, já que deslegitima o grupo e sua autoproclamação do Califado (TAYLOR, 2014).

<sup>xvi</sup> Poder é definido por Castells como: “Poder é aquela relação entre os sujeitos humanos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade de alguns sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica” (CASTELLS, 2005, p. 51).

<sup>xvii</sup> Desde 2016 a cidade já não se encontra sob o domínio do Estado Islâmico. Ver: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/10/syria-dabiq-isil-times-161017052013796.html>

<sup>xviii</sup> Para a compreensão do que se entende por ideologia, é usado o conceito apresentado por Thompson (2011), o qual se entende como os modos que se pode aplicar um sentido ou significado, que em determinadas circunstâncias, podem estabelecer e sustentar relações assimétricas e/ou “relações de dominação”.

<sup>xix</sup> Muitos recrutas que ingressam no Estado Islâmico são originais de outros países, esses são conhecidos como *foreign fighters* (combatentes estrangeiros). Para *foreign fighters* entende-se a definição dada por Fonseca e Lasmar (2017) em que são os indivíduos que de maneira voluntária se unem a algum tipo de movimento insurgente em outro país “do qual não são cidadãos, nem possuem residência fixa, se valendo de quaisquer tipos de táticas, independentemente do fato de possuírem ou não alguma espécie de laço com o conflito, seja de natureza religiosa, étnica, cultural ou de cunho afetivo.” (p. 25).

<sup>xx</sup> Para mais informações sobre o *Al Hayat Media Center*, ver: (GAMBHIR, 2016; WHITESIDE, 2016).

<sup>xxi</sup> “The mission of AlHayat Media Center is to convey the message of the Islamic State in different languages with the aim of unifying the Muslims under one flag. [...] The name AlHayat -which means life - [...]” (DABIQ, 2014b, p. 43).

<sup>xxii</sup> Não é possível, por exemplo, encontrar o site original do *Al Hayat Media Center*, já que as divulgações são feitas pelo *Telegram* e é por lá que o pesquisador Aaron Y. Zelin recolhe os materiais.

<sup>xxiii</sup> Ver: <http://www.washingtoninstitute.org/experts/view/aaron-y.-zelin>

<sup>xxiv</sup> Al-Adnani foi morto em 2016, ver: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/08/porta-voz-do-estado-islamico-e-morto-na-siria-diz-grupo.html>

O porta-voz escolhido para substituir foi Abu al -Hassan al-Muhajir, ver: [https://ent.siteintelgroup.com/index.php?option=com\\_customproperties&view=search&task=tag&tagId=582](https://ent.siteintelgroup.com/index.php?option=com_customproperties&view=search&task=tag&tagId=582). Em Outubro de 2019, al-Muhajir foi morto em um ataque comandado por forças militares estadunidenses (ZELIN, 2019).

<sup>xxv</sup> “You claimed to have withdrawn from Iraq – O Obama – four years ago. We said to you then that you were liars, that you had not withdrawn, and that if you had withdrawn that you would return, even if after some time, you would return. Here you are; you have not withdrawn. Rather you hid some of your forces behind your proxies and withdrew the rest. Your forces will return greater in number than they were before. You will return and your proxies will not avail you. And if you are not able to return, then we will come to your homeland by Allah’s permission.” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p.8).

<sup>xxvi</sup> “America – at its pinnacle moment of weakness and cowardice – reassured its people it would not enter into war directly on the ground against the Islamic State, but rather it would rely upon apostate proxies in the region. So, who are the proposed proxies?” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41).

<sup>xxvii</sup> O PKK surgiu em 1974, com inspirações marxistas-leninistas. Tendo surgido como um grupo separatista, sua pauta atual clama por maior autonomia curda, sobretudo na Turquia. Sendo considerada a maior população do mundo sem Estado, o povo curdo se estende desde a Turquia até o nordeste do Iraque, oeste do Irã e partes da Síria e Armênia (BRUNO, 2007). Apesar de serem considerados terroristas pelos Estados Unidos desde 1997 (US, 2019), o grupo tem forte relação com as Unidades de Proteção Popular (YPG) – grupo armado curdo que recebe financiamento estadunidense (BARNARD; HUBBARD, 2018).

<sup>xxviii</sup> O FSA surgiu em 2011, dentre milhares de outros grupos de oposição ao regime de Assad. Segundo sua própria definição, “the Free Syrian Army (FSA) is the moderate armed opposition fighting across Syria, to free the Syrian people from the Assad regime, its foreign militia and Daesh” (FSA, 2019).

<sup>xxix</sup> “These “commies,” “terrorists,” and Assad regime supporters – composed of numerous flimsy female “fighters” – are being supported by US airstrikes in Shām. Despite the airstrikes and the supposedly lengthy war experience of PKK guerillas in Turkey, the Islamic State has expelled the PKK from most of their strongholds by Allah’s power and might” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41).

<sup>xxx</sup> “They have also repeatedly sold weaponry they received from Western and apostate donors for almost nothing to arms dealers. The Islamic State has bought a lot of this weaponry for appealingly cheap prices. Finally, this army has not yet been trained by the crusaders to fight mujahidin” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41).

<sup>xxxi</sup> “Unlike the Peshmerga of the past, their current fighters are fainthearted mercenaries void of any creed who only wait for their meagre wages. For this reason, the Islamic State was able to drive them out of Wilāyat Nīnawā easily” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 41).

<sup>xxxii</sup> “The crusader General Dempsey claims that the US needs a minimum of 15 thousand fighter on the ground to take territory from the Islamic State while the CIA claims the Islamic State has 31,500 fighters who are growing daily! Secretary of Defense Hagel says their proxy fighters need to be filtered to make sure any weapons and aid sent by the US do not end up in the hands of its enemies. Training of these forces will take a year to complete. So, until then, the failed airstrikes are the only war tool of the crusaders. According to Scheuer, the only time airstrikes alone succeeded in determining the end of a war was the airstrikes of Hiroshima and Nagasaki!” (DABIQ MAGAZINE, 2014c, p. 42).

<sup>xxxiii</sup> Michael F. Scheuer é ex-oficial de inteligência da CIA.

<sup>xxxiv</sup> “Pre-Islamic period, or “ignorance” of monotheism and divine law. In current use, refers to secular modernity, for example in the work of Abu al-Ala Mawdudi , who viewed modernity as the “new jahiliyyah.” Sayyid Qutb interpreted jahiliyyah as the domination of humans over humans, rather than submission of humans to God. The term denotes any government system, ideology, or institution based on values other than those referring to God. To correct this situation, such thinkers propose the implementation of Islamic law, values, and principles. Radical groups justify militant actions against secular regimes in terms of jihad against jahiliyyah.”

Ver: <http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e1157>

<sup>xxxv</sup> Unicidade de Deus/Allah (NAPOLEONI, 2015).

<sup>xxxvi</sup> “Algeria is the land whose mujahidin waged possibly the longest continuous jihad against a taghut regime since the withdrawal of the European crusaders from the Muslims’ lands and their erection of apostate proxies to rule the region after their departure. Their jihad faced many tribulations and digressions, most recently deviation from jihad against the apostate regime towards a call for peaceful coexistence alongside the regimes of the so-called “Arab Spring” and for jahili unification with secularist, nationalist movements against “the common, foreign enemy.” This mentality led to a complete silence of operations against the Algerian regime all for the sake of unknown revolutions and to the detriment of tawhid and jihad” (DABIQ MAGAZINE, 2014d, p. 31).

<sup>xxxvii</sup> “And as the Islamic State seizes weapons from the American and Iranian backed proxies whom its mujahidin massacre, it gets hold of tanks, rocket launchers, missile systems, and anti-aircraft systems. Acquiring aircraft would be the logical next step. It’s the plot of a political Western horror film” (DABIQ MAGAZINE, 2015a, p. 76).

<sup>xxxviii</sup> Para visualizar a foto com a fonte original da Associated Press e a notícia relacionada ao encontro dos líderes políticos, ver: <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/06/iraqi-kurds-independence-201462553129811379.html>

<sup>xxxix</sup> “When American warplanes began bombing the region of ‘Ayn al-Islam last year in support of their YPG proxies – the Syrian branch of the PKK – in an attempt to halt the Islamic State’s advance, PKK supporters enthusiastically welcomed America’s intervention in the region. Their excitement at being backed by the firepower of America’s air force did not even subside when that same air force decimated

‘Ayn al-Islam, turning the Kurdish city into a heap of rubble and debris. The crusaders’ desperate need for a competent proxy force on the ground meant that they were prepared to spend hundreds of millions of dollars, if not more, on providing close air cover for an organization that they still consider a terrorist entity. For the PKK, it was a reason to celebrate. They suddenly had their own air force, it was clear the crusaders needed them, and as far as they were concerned, nothing could ruin the moment. It was the birth of American Kurdistan” (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 30).

<sup>xi</sup> Unidades de Proteção Popular (YPG)

<sup>xli</sup> “Yet being the incompetent proxies that they are, the PKK – shortly afterwards – found themselves flanked by Islamic State soldiers who infiltrated their territory and entered ‘Ayn al-Islam once more, with further gains being made by the mujahidin thereafter in the southern and western countryside. This is in addition to the Khilafah’s offensive in Wilayat al-Barakah where the mujahidin advanced on the city of al-Barakah from two points, crushing Nusayri forces and closing in on PKK territory in the city. [...] The PKK even had to rely for recruitment upon Western foreign fighters, many of whom would come only to flee after tasting a few days of the hardships of war” (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 31-32).

<sup>xlii</sup> “In Iraq, meanwhile, their recognition of the Peshmerga’s inability to make and sustain battlefield gains – as well as the failure of the Safawiyyin in that same regard – led the crusaders to make a last-ditch attempt to create a local ground force “strong” enough to face.

The formation of a new proxy at this stage of the game is not surprising. The crusaders lost hope in their Safawi proxies and began distancing themselves from their incompetence, with the American secretary of defense, Ashton Carter, recently blaming a lack of will to fight on the part of the Safawiyyin for their defeat and disgraceful retreat from ar-Ramadi. When they were last caught by surprise due to the incompetence of their Safawi proxies, Mosul was liberated. It was then that they began placing their hope in the Kurdish *murtaddin* instead. Now that they’re seeing the ineffectiveness of their Kurdish proxies in taking territory on their own from the Islamic State, the crusaders have begun betting on a new “Sunni” *Sahwah*. The fall of American Kurdistan is therefore inevitable, and the crusaders will soon have no choice but to either pursue a truce or place their own boots on the ground. The result, either way, will see the crusader coalition – in America’s words – degraded and ultimately defeated, *bi idhnillah*” (DABIQ MAGAZINE, 2015b, p. 34).

<sup>xliii</sup> “And what has angered America is that Russia has already offered its hand to cooperate with the PKK so as to reintegrate the PKK regions back into those of the Asad regime (most likely with some degree of autonomy). Government-backed Russian media even produced propagandist documentaries for the PKK on Russian satellite TV channels. Reports have also come out that the Syrian Baath party was permitted to open up branch offices in Tall Abyad and other cities recently overtaken by the PKK. This is not surprising, as the Asad regime utilized its close relationship with the PKK to quell any opposition to the regime in Kurdish regions early on in the “Syrian Revolution.” (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.44).

<sup>xliiv</sup> “Although such a change in allegiances is possible, it is unlikely to occur on a large scale unless America abandons these factions in favor of some other “political” mission in Shām more in tune with the American religion” (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45).

<sup>xli v</sup> “Quranic term for false god or idol. Also applied to tyrannical rulers who arrogate God’s absolute power and use it to oppress people. In modern Iran it is applied to the fallen shah and all those who supported him. In the same way that jahiliyyah is used in Islamic history to refer to the pre-Islamic age of paganism, *taghut* stands for the pre-Islamic-revolution period in the history of modern Iran”. Ver: <http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2301>

<sup>xli vi</sup> “The *tawāghīt* of Jordan, the UAE, and Egypt have declared their support for Russian intervention in Shām despite America’s position on the issue” (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45).

<sup>xli vii</sup> “As for the *tawāghīt* of Turkey allied to America, they are already knee-deep in a war with America’s PKK allies, whose fighters are presently filling the role of America’s ground forces” (DABIQ MAGAZINE, 2015c, p.45).